

A LENDA NO PANORAMA DA LITERATURA DE TRADIÇÃO ORAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DE DUAS LENDAS DO DISTRITO DE BRAGANÇA

The legend in the panorama of oral tradition literature: semiotic analysis of two legends from the district of Bragança

SOARES, M. Luísa de Castro¹, ALMEIDA, Sara Sofia Morais², & AMARANTE, Natália³

Resumo

O presente artigo aborda diversos géneros da literatura de tradição oral, debruçando-se mais pormenorizadamente sobre a lenda e o processo de significação e de sentido do género em questão. Assim, este trabalho tem como intuito evidenciar não só a importância histórico-cultural da lenda, como também a sua influência e projeção no imaginário e na sabedoria populares. O foco deste trabalho é, ainda, a análise semiótica de duas lendas escolhidas do concelho de Mirandela, distrito de Bragança, que traduzem os valores comuns de uma região portuguesa transmontana.

Abstract

This article deals with various genres of oral tradition literature, focusing in more detail on the legend, its process of meaning and the signification of the genre in question. Thus, this work aims to highlight not only the historical-cultural importance of the legend, but also its influence and projection in popular imagination and knowledge. The focus of this work is also the semiotic analysis of two legends chosen from the municipality of Mirandela, district of Bragança, which translate the common values of a Portuguese region of Trás-os-Montes.

Palavras-chave: *Tradição Oral; Lendas do distrito de Bragança; Património Imaterial; Análise Semiótica.*

Key-words: *Oral Tradition; Legends of the Bragança district; Intangible Heritage; Semiotic Analysis.*

Data de submissão: março 2024 | **Data de publicação:** junho 2024.

¹ MARIA LUÍSA DE CASTRO SOARES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. Email: lsoares@utad.pt

² SARA SOFIA MORAIS ALMEIDA Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. Email: saramoraisalmeida@gmail.com

³ NATÁLIA AMARANTE Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. Email: namarant@utad.pt

Introdução: a literatura de tradição oral

A literatura de tradição oral representa uma valiosa herança cultural transmitida ao longo das gerações por meio de textos narrativos ou rimados. Consideramos, assim, pertinente explicitar o conceito de literatura oral e distingui-lo da literatura escrita ou canónica, podendo definir-se do seguinte modo:

A expressão literatura oral contém dois termos que parecem contraditórios: a literatura, etimologicamente, está associada às “letras”, àquilo que é escrito; o signo “oral” evoca a transmissão pela palavra [...]. À literatura escrita pertencem as obras fixadas, atribuídas a autores e à literatura oral as obras anónimas, muitas vezes transformadas e recriadas, devido ao facto de não se encontrarem fixadas por escrito (Soares, 2013, p. 5).

Verifica-se, deste modo, que a literatura de tradição oral é constituída por um *corpus* textual bastante diversificado, sendo um veículo de transmissão de valores, assumindo uma função educativa para a comunidade em geral e, de modo particular, para o público infantil. Efetivamente, a literatura oral é algo inerente à identidade cultural dos povos. Considera-se, assim, de grande importância o registo escrito deste património, na medida em que a sua existência e transmissão apenas oral é suscetível de se perder ou modificar, porque, como expressa o aforisma: *quem conta um conto acrescenta um ponto*.

O domínio da literatura oral abrange contos, lendas, fábulas, mitos, orações, adivinhas, provérbios, entre outros, existindo, por vezes, hibridismos genológicos, porque “a distinção dos géneros não é tão vincada na tradição oral como na escrita; as manifestações da arte popular estão [...] muito próximas umas das outras e, como tal, os limites entre elas não são, por vezes, muito demarcados” (Soares, 2013, p. 9).

I.A Lenda

Uma das várias modalidades genológicas da literatura de tradição oral, que vai estar em escopo neste artigo, é a lenda (Ferreira, 2006; Goés, 2009, Soares, 2013, p. 10).

No campo da literatura tradicional de transmissão oral (Pires 2009; Soares 2013), *lenda* designa uma narrativa em que um facto histórico aparece transfigurado pela imaginação popular: não se trata, pois, de uma reconstituição objetiva e documental de um facto ocorrido num passado remoto, mas sim de uma narrativa de carácter ficcional, que foi sendo transmitida de geração em geração. A ação aparece normalmente localizada

no espaço e/ou no tempo (ao contrário dos contos, situados num passado indefinido e num espaço indeterminado), e a história contada é sempre modelada pelo maravilhoso (Reis & Lopes, 1996, p. 224).

As lendas - que o Romantismo valorizou pelo culto da vertente nacional e popular (Reis & Lopes, 1996) - são narrativas que lembram histórias do passado reelaboradas pela imaginação e que resumem as preocupações essenciais de uma comunidade. Transmitem sentimentos, desejos humanos, atos heroicos, aspirações. Através das lendas, a criança é projetada num outro mundo em que os elementos do imaginário e do maravilhoso se sobrepõem aos factos reais. Assim, é perceptível o motivo pelo qual se diz que muitos destes textos são de potencial receção infantil, tendo assumido, em tempos, uma função de suporte educacional aos pais, que transmitiam valores através dos textos de tradição oral:

Não podemos ignorar que os contos tradicionais, sem pertencerem ao domínio específico da literatura infantil, têm as crianças como recetor privilegiado, sendo que estes textos continuam a ser vistos como uma boa ajuda para a formação da personalidade e para a integração no mundo adulto (Soares, 2013, p. 6).

Cumprе referenciar que as características gerais das lendas são o facto de incluírem uma estrutura homogénea, uma história de expressão singela, uma extensão breve e condensada, um número reduzido de personagens e ainda um enredo com desenvolvimento linear.

É ainda de notar que as lendas permitem reviver a identidade cultural dos nossos antepassados, possibilitam ver outro mundo em que certos valores presidem à conduta de uma comunidade e, além disso, permitem sonhar. As lendas revelam-se etnotextos de grande riqueza, pois perpetuam matrizes culturais do passado que fazem parte da história real, condimentada de ficção, de maravilhoso, com mistérios por desvendar.

Neste contexto, pode-se, então, afirmar que as lendas são narrativas híbridas sob um ponto de vista genológico, estando intrinsecamente associadas ao domínio do real e do fantástico e devem ser entendidas como uma ficção, que é contada como algo que aconteceu dentro do real.

Importa ainda atender às várias tipologias de lendas, que se podem classificar como hagiográficas (relativas aos Santos), de entidades míticas, históricas, de mouras (encantadas) e mouros, etiológicas e, por último, há ainda as lendas de povoações desaparecidas, de que é exemplo a lenda da Atlântida (Ferreira, 2006).

Assim, as características gerais das lendas (e que em grande medida as distinguem do conto) são a existência de *fundo autêntico*, o grau de *probabilidade*, a *localização*, a *época*, o *maravilhoso* (nem sempre existente) *popular* e/ou *cristão* e a *autenticabilidade*. Deste modo, estas características vão ser explanadas, seguidamente, nas lendas em análise.

II. Contextualização do concelho de Mirandela - Aspetos históricos e culturais

Antes de se realizar uma incursão pelas lendas, proceder-se-á à contextualização do concelho de Mirandela, a famosa “Terra da Alheira”.

O surgimento da alheira, diz-se, relaciona-se com a existência de uma comunidade judaica presente no nordeste transmontano, que diziam ter-se convertido ao catolicismo. Porém, como Gil Vicente critica no *Auto da Barca do Inferno*, estes cristãos-novos, no íntimo das suas casas, não renegam as práticas do judaísmo, mantendo-as, muitas vezes, camufladas. Importa, então, conhecer-se um pouco da sua história, pelo que se cita informação obtida junto de documentos providenciados pela Câmara Municipal:

As primeiras referências do enchido “alheira” surgem no século XVI, como uma original forma dos judeus praticantes enganarem a Inquisição espanhola, durante o reinado de Isabel de Castela. A rainha, profundamente católica, acreditava que os judeus que habitavam a Península Ibérica durante a conquista do último bastião Mouro (Granada) e que se refugiaram em Portugal, poderiam incentivar os já convertidos em cristãos a regressar à sua religião original. Para evitar a perseguição e condenação à morte, estes judeus formaram comunidades onde se faziam passar por cristãos, simulando o seu estilo de vida através de várias artimanhas. Uma delas, tinha a ver com a alimentação, pois a carne de porco fazia parte da dieta alimentar dos cristãos, enquanto que a religião judaica proibia o seu consumo. Esta era uma das formas que a Inquisição espanhola tinha para identificar os judeus, avaliando se estes consumiam carne de porco ou não. Para enganar os inquisidores, os judeus criaram então um enchido que continha apenas carne de frango e pão, que em aspeto se assemelhava aos enchidos com carne de porco consumidos pelos cristãos. (In <https://www.cm-mirandela.pt/pages/2112>).

Ainda no atinente aos aspetos históricos do concelho de Mirandela, pode-se dizer que, nesta cidade, estão presentes os melhores valores arquitetónicos do concelho, como o Palácio dos Távoras (imponente construção nobre reedificada no século XVII), o Palácio dos Condes de Vinhais, a cerca amuralhada da qual resta apenas a Porta de Sto. António e ainda a ponte velha, que continua a constituir uma incógnita quanto à data de construção, e que são valores patrimoniais tradutores da cultura de um povo.

Cumpre ademais salientar a ligação da população à terra, ao azeite e à alheira, pelo que se afirma:

A agricultura, ofício de orgulho, é a principal atividade económica neste. A nível gastronómico, evidencia-se a alheira. Em Mirandela nasceu também, com exemplo dado, o conceito de cidade jardim. O culto da flor invadiu todos os espaços. Milhares de belas flores estendem-se por uma cidade inteira que vale a pena visitar [...]. Logo no século VI, o paroquial Suevo dá-nos conta da existência de “Laetera”, enigmática e vasta circunscrição administrativa que corresponde à mesma área onde nasceu o concelho de Mirandela. A importante e medieval “terra de Ledra” estender-se-ia pela quase totalidade do atual concelho e por parte do de Vinhais, compreendendo ainda uma reduzida porção do concelho de Mirandela. No dealbar do século XIII já esta terra se encontrava dividida em três julgados: Lamas de Orelhão, Mirandela e Torre de D. Chama. Todas estas povoações receberam foral e se constituíram em concelhos. Mirandela recebeu assim de D. Afonso III carta de foral a 25 de maio de 1250. In <https://www.castelosdeportugal.pt/castelos/CastelosSECXIII/mirandela.html>

Alguns acontecimentos históricos chegaram a ser transfigurados pelo imaginário popular, dando assim origem a diversas lendas, como é o caso da lenda da cidade de Mirandela e da lenda de Abreiro, que se irão analisar detalhadamente de seguida.

III. Lenda de Abreiro (aldeia pertencente ao concelho de Mirandela)

No que diz respeito a esta lenda (Cf. Anexo 1), é pertinente atentar no significado do nome da localidade. O nome de Abreiro pode provir da palavra árabe “*ábara*”, que significa entrar ou passear de um lado para o outro ou, então, do nome próprio Abrário, usado na Idade Média. Para o povo, a origem do nome deriva de “abre-te rio”, numa alusão ao rio Tua, que ali alarga as suas margens e o seu leito.

A breve lenda de Abreiro pode considerar-se, no que diz respeito à sua tipologia, como uma lenda etiológica, pois reenvia para a história de uma aldeia, Abreiro (Cf. Anexo 2).

Passando a uma análise mais profunda, destaca-se a introdução, onde é apresentado o espaço e o pacto estabelecido entre o diabo e a população (primeiro parágrafo). De acordo com a terminologia de Cristina Macário Lopes – recuperada de Larivaille –, parte-se de um estado inicial de *falta*, uma vez que a população não dispõe de uma ponte nem de uma estrada.

No desenvolvimento, é narrado o cumprimento do pacto pelo diabo que comanda uma legião de demónios que trabalham para construir a ponte. No decorrer da ação, ouve-se um galo branco cantar. Porém, o diabo ordena que se continue a construção. O segundo galo que canta é preto, o que leva a que os trabalhos parem sem que a ponte esteja completamente construída (a luz do dia anunciada pelo canto do galo sobrepõe-se ao mal, conotado com a escuridão da noite e com o diabo).

A conclusão, ou final da lenda, corresponde à explicação da ausência da pedra na ponte (Cf. Anexo 3). O trabalho permanece inacabado por vontade do diabo, uma vez que sempre que os homens colocam a referida pedra, o maligno vem de noite e derruba-a.

De acordo com a terminologia de Cristina M. Lopes - que propõe uma divisão da dinâmica da narrativa em cinco partes - percebe-se que o *estado inicial* é de *falta*, uma vez que a população não dispõe de uma ponte nem de estrada. A *perturbação* surge quando o diabo se oferece para colmatar esta necessidade/falta, estabelecendo um pacto, em que se propõe construir a ponte numa noite, antes do galo cantar, em troca da alma de uma moça. Por sua vez, a *transformação* ocorre no momento em que uma legião de demónios, comandada pelo diabo, trabalha arduamente para conseguir terminar a ponte antes do galo cantar. A *resolução* verifica-se no decorrer da ação, quando se ouve um galo branco cantar. Porém, o diabo ordena que se continue a construção. O segundo galo que canta é preto, motivo que leva ao cessar dos trabalhos, sem que a ponte esteja completamente construída. No *estado final*, permanece a situação de *falta*, dado que a ponte se mantém inacabada (carece de uma pedra), sem que os homens a consigam terminar, pois o diabo desfaz o trabalho por eles desenvolvido (Cf linhas 17-19 do Anexo 1).

Quanto à estrutura lógica da narrativa, apesar de haver alguma evolução positiva, verifica-se nesta lenda uma relação de confirmação entre o *estado inicial* e o *estado final*, pois o objetivo não é plenamente alcançado. No que diz respeito ao quadro enunciativo, o narrador adota uma visão onisciente, revelando conhecer todos os acontecimentos/ações. Deste modo, narra todos os factos, mesmo os que sucedem antes e depois da construção da ponte (Cf. linhas 17-19 do anexo 1). É também heterodiegético, pois não há marcas da sua presença na ação, sendo a narração apresentada na terceira pessoa gramatical (Cf. linhas 8-9 do anexo 1).

Passando à análise das características específicas da lenda, destaca-se o *fundo autêntico* pela existência efetiva da ponte de Abreiro sobre o Tua (formada por dois arcos, um dos quais de grandes proporções) e pelo facto de faltar, na verdade, uma pedra na ponte. Evidencia-se também o grau de *probabilidade*, que consiste na vontade e na necessidade de unir as margens do rio, por parte da população.

Outro aspeto de relação da lenda com o real é a *localização* que é em Abreiro, aldeia pertencente ao concelho de Mirandela. A *época* é o século XVIII, pois a lenda remete para a vida de Diogo de Mendonça Corte Real (Tavira, 17 de junho de 1658-Benfica, 9 de maio de 1736) e do ministro de D. João V (dados históricos apresentados antes da lenda ter início).

Na estruturação interna desta lenda não falta o *maravilhoso popular*, patente na existência da figura do diabo e da sua legião que pretendem a alma de uma moça e, para o efeito, comprometem-se a fazer uma ponte, algo muito difícil de construir, conforme se constata no *Dicionário de Símbolos*:

São também conhecidas as muitas lendas sobre pontes do diabo. [...] Poder-se-ia ver nesta denominação uma espécie de confissão da extrema dificuldade de construir essas obras de arte e a admiração pela sua beleza e solidez. É como se os arquitetos e os engenheiros, incapazes de um tal êxito por si mesmos, tivessem de recorrer a toda a habilidade de Lúcifer (Chevalier & Gheerbrant, 1999, s/p.).

Nesta lenda, muito completa na sua estruturação, verifica-se, por fim, a existência do *maravilhoso cristão*, um aspeto que aqui surge intrinsecamente ligado ao *maravilhoso popular*. O diabo, as almas e outras criaturas meta-empíricas fazem parte do maravilhoso popular de feição cristã.

A simbologia ligada à figura do Galo é outro vetor presente nesta lenda. Efetivamente, no dizer de Chevalier e Gheerbrant,

O galo é universalmente um símbolo solar porque o seu canto anuncia o nascer do sol [...], a manifestação da luz [no Oriente] por anunciar a vinda do sol é também eficaz contra as más influências da noite [...]. O galo é também o emblema de Cristo como a águia e o cordeiro. Mas nele é particularmente relevado o simbolismo solar: luz e ressurreição. (Chevalier & Gheerbrant, 1999, s/p.)⁴.

No atinente à simbologia dos elementos da lenda, destaca-se ainda a fonte, envolvimento da donzela desde as cantigas de amigo medievais. No caso da lenda em análise, verifica-se igualmente a referência à fonte que a moça pretende alcançar, sendo uma presença frequente na literatura popular, pelo que é costume afirmar-se neste domínio o seguinte:

A sacralização das fontes é universal, pois constituem a boca da água viva ou da água virgem. É através delas que se dá a primeira manifestação da matéria cósmica fundamental, sem a qual não poderiam ser garantidas a fecundação e o crescimento das espécies. A água viva que elas deitam é como a chuva, o sangue divino, o sêmen do céu. São um símbolo da maternidade. Sabe-se que, nas culturas tradicionais, a fonte simboliza a origem da vida. Pode mesmo dizer-se que simboliza toda a origem: do gênio, da força, da graça, de toda a felicidade. (<https://sonharsimbolos.wordpress.com/2007/10/08/a-fonte/>).

Na lenda em análise, a água da fonte referenciada no texto é muito importante para a população de Abreiro, pois é um recurso hídrico por meio do qual é possível prosperar.

Por último, no leque dos símbolos, surge também a figura do diabo. Este personifica o mal, as trevas, sendo um anjo decaído, que coloca os homens em tentação, com o objetivo de os fazer pecar, ficando com as suas almas. No caso da lenda de Abreiro, através do pacto estabelecido, ser-lhe-ia entregue a alma da moça.

⁴ Para além do galo simbolizar a presença da luz e de Cristo, afastando, assim, o demónio, é ainda importante lembrar a sua presença no *Novo Testamento* com a negação de Pedro: “As tradições populares contam que um papa ordenou que fossem colocados no teto de igrejas e relógios de locais de culto uma figura de galo para que todos se lembrassem e não repetissem o erro de Pedro, descrito no Novo Testamento, de negar Jesus três vezes antes do galo cantar”.

In <https://cleversonzocchesato.wordpress.com/2017/10/06/simbologia-galo/>

V. Lenda de Mirandela.

A lenda da cidade de Mirandela (Cf. Anexo 4) é, quanto à sua tipologia, uma lenda etiológica, que figura como uma justificação toponímica da terra, neste caso, a cidade de Mirandela.

No atinente às características específicas deste género, destaca-se o *fundo autêntico* que se manifesta pela existência dos lugares (topónimos), Orelhão e Mirandela. No que se refere à *probabilidade*, é verosímil o enamoramento de um rei (mais velho) por uma princesa (bela e jovem). Quanto à *localização* cita-se a cidade Mirandela, a Serra dos Passos, Orelhão e Lila, e a *época*, que é ancestral, provavelmente a Idade Média pelas referências a diversos graus de hierarquia social (“senhor das terras”, “Rei”, “vassalo”).

Convém referir que o *maravilhoso cristão* não está presente, mas a representação do fantástico não é condição essencial nesta tipologia genológica. No que diz respeito ao *maravilhoso popular*, verifica-se na existência do Rei com uma orelha de cão e outra de burro. Estas características reforçam a fealdade do rei (que representa o poder, mas não a beleza). Surgem com frequência, no imaginário popular, características animais em várias personagens, sobretudo em personagens com graus hierárquicos elevados. Muitas vezes, estas características resultam de encantamentos. Note-se que, nesta lenda, não é referida a razão de tais deformidades.

Passando a uma análise do esquema de personagens, segundo Greimas (Greimas apud Soares, 2013, p.19-20), poderemos considerar que o *sujeito* ou herói é o Rei de Orelhão e o seu *objetivo* é conquistar o amor da princesa. O *destinador* (que põe em marcha a ação) é novamente o Rei de Orelhão, pois procura o amor da princesa. O *destinatário* é a princesa que vivia na Serra dos Passos. No que concerne aos adjuvantes, não há menção explícita a um aliado que auxilie o Rei de Orelhão na sua procura de concretização amorosa com a princesa. O vassalo, sem ser adjuvante, revela, porém, cumplicidade com o Rei, uma vez que lhe demonstra empatia ao evidenciar preocupação pelo seu estado de espírito. O *oponente* é a princesa, pois não responde favoravelmente aos propósitos do rei e acaba por fugir do castelo. O medo que o Rei sentia em descer ao Vale é também um impedimento à realização do *objetivo*.

No que toca o *quadro enunciativo*, o narrador adota uma visão onisciente. Narra os acontecimentos/ações, revelando conhecer todos os factos, mesmo o estado psicológico do Rei. Quanto à presença, este pode classificar-se como heterodiegético,

uma vez que se não participa na ação, sendo a narrativa centrada na terceira pessoa gramatical (cf. linhas 6-7 do anexo 4).

A lenda em análise vem propor uma explicação para a origem da palavra “Mirandela”, podendo definir-se como uma narrativa popular relacionada com a toponímia da cidade. A expressão “Mirandela” nasce da frase do Rei de Orelhão, quando diz, com tristeza: “Estou à mira dela!”. A crença popular é acrescida do seguinte aforisma: *Quem Mirandela mirou (olhou) nela, ficou.*

A lenda menciona, por fim, que a princesa, ao fugir do Rei de Orelhão, deixou a sua coroa na Serra dos Passos (uma alusão à serra existente na realidade).

Para se proceder a uma análise da simbologia dos elementos, importa atentar na seguinte citação:

A princesa e o príncipe simbolizam a promessa de um poder supremo, a primazia entre seus pares, seja qual for o domínio em questão: um príncipe das letras, das artes, das ciências; a princesa dos poetas. O Príncipe Encantado desperta a Bela Adormecida e a Princesa distante faz sonhar os jovens. Exprime, por outro lado, as virtudes reais no estado de adolescência, ainda não dominadas nem exercidas “[...] O príncipe e a princesa são a idealização do homem e da mulher, quanto à beleza, ao amor, à juventude e ao heroísmo. (Chevalier e Gheerbrant, 1999, s/p.)

No que diz respeito ao rei, é relevante notar que o título representa o segundo patamar mais elevado na hierarquia nobiliárquica soberana, precedido apenas pelo título de imperador, que ostenta a suprema nobreza e o mais alto *status* social possível. Neste contexto, o rei tem um *status* de nobreza mais elevado que o de um príncipe. Apesar do poder conferido ao Rei, não lhe são atribuídas qualidades de beleza que irradiam da juventude. Na lenda, é de notar que a jovem princesa foge do Rei por não lhe reconhecer a beleza que ela própria possui, deixando na Serra dos Paços a coroa. Este facto evidencia o seu desapego pelo material, pelo estatuto social. A simbologia associada às personagens patenteia a repugnância que um Rei (símbolo do poder, de idade menos jovem, feio) poderá provocar na Princesa (símbolo da beleza e juventude).

Cumprе salientar ainda que as personagens são planas e surgem inominadas, porque representam uma classe social, sendo funcionais. Além disso, existe sincretismo actancial, pois desempenham no texto diferentes papéis, uma vez que a princesa é simultaneamente *destinatário* e *oponente* e o rei é *destinador* e *sujeito*.

CONCLUSÕES

Com este trabalho foi possível perceber a importância da literatura de tradição oral, designadamente, as lendas em que a “história é transfigurada pela imaginação” (Soares 2013: 10). Estas revelam-se de grande riqueza, pois perpetuam matrizes culturais do passado que fazem parte da história real, condimentada de ficcional, de maravilhoso e de mistérios por desvendar. Traduzem, de igual forma, valores, sentimentos e o espírito dos indivíduos de épocas remotas.

No que concerne ao tema deste estudo - centrado em lendas do Concelho de Mirandela – é de referir que foi escolhido tendo em conta a cidade onde habita a primeira autora, motivo pelo qual se abordam algumas curiosidades históricas e culturais que se julgam relevantes sobre o concelho e se incluem aspetos geográficos sobre o local. Note-se ainda que, aquando da realização da análise semiótica das lendas, se optou por utilizar os modelos de Greimas para a análise das personagens e o de Larivaille e Cristina Macário Lopes para a abordagem da dinâmica da narrativa, por se considerarem elucidativos e abrangentes, possibilitando um aprofundamento rigoroso de análise da narrativa.

Cumpram também salientar o carácter pedagógico que os textos suprarreferidos podem assumir para uma educação edificante e moralizante da criança. Os textos, com uma linguagem simples, transmitem os valores dos concelhos onde a criança habita, inculcando nela a história, a cultura e a etnografia relacionada com os lugares.

Em suma, estes textos, através dos valores que transmitem, representam a identidade local e o património imaterial da cidade de Mirandela. Simultaneamente, espelham as memórias desta cidade e das suas aldeias circundantes (o caso de Abreiro).

Tendo sido transmitidas de geração em geração, as lendas colocam em destaque a história, a literatura, a cultura e a identidade coletiva desta região transmontana, evidenciadas nos seus lugares simultaneamente reais e míticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (1999). *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números* (14ª ed., rev. e aum.). J. Olympio.

Ferreira, A. M. (2006). A lenda: Patrimônio cultural da literatura infantil (Dissertação de mestrado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Góes, L. P. (2009). Lenda. E-Dicionário de Termos Literários. <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/lenda>

Lopes, A. C. M. (1987). Analyse sémiotique des contes traditionnels portugais. INIC; Centro de Literatura da Universidade de Coimbra.

Pires, M. N. (2009). Literatura Tradicional. E-Dicionário de Termos Literários. <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-tradicional>

Reis, C., & Lopes, A. C. M. (1996). Dicionário de narratologia. Livraria Almedina.

Soares, M. L. C. (2013). Considerações gerais sobre a literatura tradicional de transmissão oral: Uma proposta de análise à versão portuguesa de “A Gata Borralheira”. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

REFERÊNCIAS ELETRÓNICAS

astelos de Portugal. (n.d.). Castelo de Mirandela.

<https://www.castelosdeportugal.pt/castelos/CastelosSECXIII/mirandela.html>

Câmara Municipal de Mirandela. (n.d.). Página institucional. <https://www.cm-mirandela.pt/pages/2112>

[Autor desconhecido]. (n.d.). A lenda de Lambari por uma perspectiva semiótica. [PDF]. [URL local não acessível].

Zocchesato, C. (2017, outubro 6). Simbologia do galo.

<https://cleversonzocchesato.wordpress.com/2017/10/06/simbologia-galo/>

[Autor desconhecido]. (2007, outubro 8). A fonte.

<https://sonharsimbolos.wordpress.com/2007/10/08/a-fonte/>

ANEXOS

Anexo 1

Lenda de Abreiro

No termo de Abreiro há um local com vestígios de civilização neolítica, a que chamam de Arcã. Na povoação está um elegante Cruzeiro com o brasão de armas de Diogo de Mendonça Corte Real, ministro de D. João V, que foi quem mandou fazer a ponte de Abreiro sobre o Tua, formada por dois arcos, um de grandes proporções.

Diz a lenda local que a ponte, a arcã e o cruzeiro foram construídas de noite pelo diabo, que prometeu também fazer uma estrada da ponte à povoação, a troco da alma que uma moça lhe entregaria, para mais comodamente passar o rio, a fim de ir buscar água a uma fonte na margem esquerda. Conforme o acordo dizia, o diabo dava a ponte concluída numa só noite e antes de cantar o galo. Quanto mais intensamente trabalhava uma legião de demónios, carregando, aparelhando e assentando pedras, o galo canta:

Que galo é? perguntou o rei das trevas infernais.

Galo branco, responderam-lhe.

Ande o canto, ordenou ele.

Em breve novo cantar do galo se ouviu.

Que galo é? perguntou de novo.

Galo preto. Pico quedo vociferou ele.

Faltava apenas uma pedra para assentar nas guardas da ponte e assim ficou, pois que, por mais vezes que os homens a tenham colocado no lugar, aparece derrubada pelo diabo no rio na noite seguinte.

Recolhida junto do Departamento de Turismo e Cultura da Câmara Municipal de Mirandela.

Anexo 2



Fig.1- Imagem ilustrativa do concelho de Mirandela, onde se inclui a aldeia de Abreiro. Fonte: <https://www.cm-mirandela.pt/pages/317>

Anexo 3



Fig2 -Imagem ilustrativa da ponte de Abreiro . Fonte: https://www.facebook.com/abreirimirandela?locale=hi_IN

Anexo 4

Lenda de Mirandela

O Rei de Orelhão (que tinha uma orelha de burro e outra de cão) era o senhor das terras da bacia, que hoje tem o nome Orelhão e Lila. Este vivia no castelo de Orelhão. Apaixonara-se por uma princesa que vivia na Serra dos Passos e tentara seduzi-la. Mas a princesa não respondia favoravelmente aos propósitos do rei. Um dia a princesa fugiu do castelo em direção ao rio Tua.

O Rei começou a buscá-la mas tinha medo de descer ao vale. Algures nos píncaros da Serra, triste e cansado, olhava o horizonte.

Um vassalo perguntou: que tendes Alteza?
- Estou à mira dela! – respondeu com voz triste.

Desta expressão nasceu a palavra Mirandela e diz o povo que quem Mirandela mirou nela ficou. Afirmam ainda que a Princesa do Tua, ao fugir do Rei de Orelhão, deixou a sua coroa na Serra dos Passos.

Fonte: Recolhida junto do Departamento de Turismo e Cultura da Câmara Municipal de Mirandela.